

# humanitas

Vol. LII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. LII • MM



espaço à célebre “questão petroniana”, para referir os elementos essenciais da discussão e também as conclusões que lhe parecem mais defensáveis e que, de resto, partilhamos. Assim, começa por recordar a pertinência da posição tradicional, que vê o romance como um produto da época neroniana, cujo autor provável seria o *Titus Petronius Niger*, cônsul *suffectus* cerca do ano 62 e referido por Plínio e Plutarco. Revela-se, também, oportuna a transcrição e tradução do famoso passo de Tácito (*Ann.*, 16.18-20) onde se descreve, de forma penetrante, a personagem de Petrónio, *arbiter elegantiae* da corte de Nero, que acaba por ser o mais forte candidato à identificação com o autor do romance.

O Autor faz, ainda, uma breve reconstituição do *Satyricon*, que assenta, essencialmente, na proposta de SULLIVAN, como ele próprio reconhece (xxii e n. 2) e que tem uma pertinência relativa, uma vez que é, em grande parte, especulativa. Recorda também, de forma breve, o essencial da discussão acerca do título original do romance e termina com uma terceira parte, onde, ao longo de catorze páginas, reflecte sobre a *vexata quaestio* da origem da sátira, em especial a sátira menipeia, género maleável que Petrónio teria aproveitado e que ajudaria a explicar a natureza multimoda do *Satyricon*.

Na “Nota bibliográfica”, HEREDIA CORREA faz uma listagem bastante completa das principais edições de Petrónio (com ou sem tradução do texto) e ainda de alguns estudos, que podem ser úteis a quem desejar aprofundar o conhecimento do romance. O Autor apresenta uma versão bilingue do *Satyricon*, adoptando para o latim o texto preparado por M. HESELTINE, revisto por E.H. WARMINGTON e publicado na Loeb Classical Library, em 1969. Quanto à tradução, além de ser fiel ao original (nos passos aleatórios em que fizemos o cotejo directo com o latim), tem a vantagem de ser fluente e viva, características essenciais em qualquer versão moderna do *Satyricon*. Na parte final do volume, HEREDIA CORREA ajunta ainda algumas notas ao texto latino e à tradução, sempre úteis a um leitor menos familiarizado com a cultura clássica. O mesmo poderá dizer-se do índice onomástico que encerra o volume. Constitui, portanto, um bom instrumento de trabalho ou de lazer, ponderado e oportuno, em especial para os leitores de língua espanhola.

DELFIN F. LEÃO

HEREDIA CORREA, Roberto: *Petronio Árbitro. Fragmentos y poemas* (México, Universidad Nacional Autónoma, 1998) 44 + XXXIX p.

Este trabalho serve de complemento à tradução do *Satyricon* que acima comentávamos. Para além daquilo que nos resta do romance de Petrónio, há uma série de citações noutros autores, que conservam ora um pequeno texto, ora algumas palavras ora um simples testemunho, que deram origem a um *corpus* de fragmentos e poemas, geralmente atribuídos ao *Satyricon*, e que costumam figurar no fim das edições do romance. HEREDIA CORREA optou por tratá-los num volume à parte, segundo os mesmos critérios adoptados para o *Satyricon* propriamente dito. Assim, usa como texto base a edição de M. HESELTINE, revista por E.H. WARMINGTON e

publicada na Loeb Classical Library, em 1969, que transcreve e a partir da qual faz a tradução espanhola. Acrescentou ainda algumas notas ao latim e à versão em língua castelhana e, por fim, referências às principais edições de petrônio e a alguns estudos, centrados em especial sobre a *Antologia Latina*.

DELFIN F. LEÃO

TEIXEIRA, Cláudia: *A conquista da alegria. Estratégia apologética no romance de Apuleio* (Lisboa, Edições 70, 2000) 160 p.

O trabalho de Cláudia TEIXEIRA agora publicado corresponde, em termos globais, à investigação apresentada como dissertação de Mestrado, sob orientação de Walter de Medeiros, o qual, de resto, escreveu o “Preâmbulo” (pp. 9-16), onde, com o seu característico estilo envolvente e límpido, desenha, de forma clara e eficaz, os traços essenciais da época, formação e actividade de Apuleio. No seu estudo, C. TEIXEIRA procura mostrar que o *Asinus aureus* foi organizado segundo uma estratégia apologética que segue três grandes ciclos. O primeiro (pré-metamórfico) explora os factores que conduziram à queda ontológica de Lúcio e ao afastamento do mundo racional: *curiositas*, *seruiles uoluptates* e magia negra; o segundo ciclo (metamórfico) segue o longo caminho do castigo para o qual a *Fortuna caeca* arrasta o protagonista; o terceiro (pós-metamórfico), «funciona como espelho contrastivo dos valores enunciados nos ciclos anteriores: à *improspera curiositas*, actualizada por um ritual de magia negra, opõe-se a noção de conhecimento do divino, decorrente dos rituais de iniciação; às *seruiles uoluptates*, resultantes do envolvimento físico com Fótis, opõem-se as *sacrae uoluptates* ou êxtase místico, resultantes da contemplação espiritual da deusa; ao caos e à aleatoriedade do mundo da *Fortuna caeca* opõem-se a ordem e a paz do mundo da *Fortuna uidens* ou Ísis» (p. 148). Os dois ciclos iniciais ocupam, sensivelmente, os dez primeiros livros e, neles, a estratégia apologética do universo puro de Ísis é feita através de uma «arquitectura invisível», disfarçada pela aparente aleatoriedade dos múltiplos episódios que enformam a narração e, por esse motivo, obrigam a um maior esforço de interpretação. No último ciclo, que coincide com o livro undécimo, a mensagem isíaca é já clara e inequívoca, permitindo conjugar e iluminar os elementos fornecidos, até então, de maneira encoberta. A Autora defende, assim, a unidade ideológica do *Asinus aureus*, perspectiva que também partilhamos. Em si, tal leitura não é nova, mas a pertinência do estudo de C. TEIXEIRA reside na forma clara e inteligente como soube conjugar os vários contributos da crítica através de uma abordagem pessoal da obra de Apuleio. Será, por conseguinte, oportuno recordar brevemente o caminho percorrido pela Autora.

Num primeiro capítulo, C. TEIXEIRA evoca as “Posições da crítica”, delineando as grandes linhas interpretativas do *Asinus aureus* (enquanto obra de divertimento; de apologia proselitica; de estética psicagógica), ao mesmo tempo que justifica a opção pela segunda hipótese — em nosso entender também a mais correcta. Em seguida, analisa os “Dados do prólogo”, operação que lhe permite acentuar a natureza iniciática da escrita de Apuleio, que exige, por isso, uma atenção redobrada na sua leitura. Depois, reflecte sobre as “Intervenções da Providência na fase inicial do romance” (que servem tanto de aviso contra os perigos do irracional, como de garantias de apoio), explorando, com clareza e tacto, episódios como o relato de Aristómenes, o